



Avaliação da Segurança Alimentar e os mercados (SiSSAN)

Guiné-Bissau | Março 2022

RESUMO DE RESULTADOS

R Em Março de 2022, 20,8% dos agregados familiares (mais de 342.390 pessoas) estavam em situação de insegurança alimentar na Guiné-Bissau e, portanto, não podem satisfazer as suas necessidades alimentares básicas e não alimentares. O número de famílias vulneráveis aumentou quase 7% entre Março de 2021 e Março de 2022. Em Março de 2021, a região de Gabú foi a mais afetada pela insegurança alimentar com 37,9% de famílias vulneráveis seguida pela região de Quinará com 32,6% enquanto que Bissau, Bolama-Bijagós, Biombo e Cacheu são as regiões menos afetadas com prevalências entre 8 e 14,4%.

A taxa de insegurança alimentar de 20,8% parece alta nesta época do ano, muitas vezes considerada o período mais favorável para as famílias devido à campanha de comercialização de cajú. Além disso, quase 43% dos produtores de cajú já haviam contraído uma dívida com os comerciantes antes da campanha e planeavam pagá-las com o rendimento da comercialização de cajú. Esses empréstimos contraídos antes ou no início da campanha ajudam a reduzir

o impacto do rendimento da venda de castanhas, principalmente quando os empréstimos não são aplicados em áreas produtivas ou para necessidades básicas (alimentação, saúde, educação, etc.).

A dinâmica da melhoria de segurança alimentar iniciada desde Julho de 2020 com a flexibilização gradual das medidas de contenção quebrou em Março de 2022, sendo a principal causa as consequências da guerra entre a Rússia e a Ucrânia que começam a afetar o poder de compra das famílias. De fato, entre janeiro e março de 2022, houve um aumento significativo nos preços de produtos essenciais como arroz não perfumado (8%), farinha de trigo (20%), feijão (25%), açúcar (40%).

O perfil dos agregados familiares com insegurança alimentar é bastante clássico. São agregados familiares chefiados maioritariamente por pessoas com pouca ou nenhuma escolarização, agregados familiares dependentes de ajuda ou que têm a agricultura como a principal fonte de rendimento, agregados familiares grandes, agregados familiares com crianças menores de 5 anos e/ou agregados familiares com mulheres grávidas e/ou amamentar.

1. Contexto do Estudo

O inquérito foi realizado em março de 2022, num contexto particular marcado pela eclosão da guerra entre a Ucrânia e a Rússia em 24 de fevereiro de 2022. Este conflito, que parece muito distante da Guiné-Bissau, tem, no entanto, repercussões diretas no continente Africano, e sobretudo nos países menos resilientes economicamente como a Guiné-Bissau. A amplitude do impacto do conflito entre a Ucrânia e a Rússia nos países Africanos reside na importância destes dois países na produção agrícola mundial, principalmente dos cereais, mas também na produção de fertilizantes químicos.

De acordo com um estudo da CEDEAO, PAM e FAO, os países da CEDEAO esperavam importar mais de 22 milhões de toneladas de cereais em 2022, prevendo um aumento de 5% em relação a 2021. As importações de trigo para 2021/2022 estão projetadas em 8,6 milhões de toneladas e os estoques registrados são estimados entre 800.000 e 1 milhão de toneladas, ou 9 à 12% das necessidades da importação. Além disso, 46% da farinha de trigo vem da região do Mar Negro, principalmente da Rússia e da Ucrânia. Alguns países são particularmente dependentes porque a parcela das importações de trigo da Rússia representa uma parcela muito alta das importações totais. Estes Países são a Mauritânia (80%), Camarões e Benin (68%), Senegal (52%) e Togo (45%).

Embora os países da CEDEAO usem menos fertilizantes do que os da Europa ou da Ásia, continuam dependentes das importações da Rússia e da Ucrânia. Estima-se que, a região enfrente um déficit de fertilizantes entre 1,2 e 1,5 milhões de toneladas, ou entre 10 e 20 milhões de toneladas de cereais equivalentes. Ou seja, a região poderá sofrer uma perda de produção de cereais de cerca de um quarto da produção registada em 2021 (73 milhões de toneladas).

Embora a Guiné-Bissau não seja um grande importador da Rússia e da Ucrânia, o País abastece-se de outros Países que comercializam estreitamente com os dois países protagonistas.

As consequências da guerra entre a Ucrânia e a Rússia estão atingindo a economia nacional e as famílias mais vulneráveis, à medida que o País continua enfrentando vulnerabilidade económica crónica agravada pela pandemia de COVID-19, os efeitos adversos das mudanças climáticas e o ressurgimento da instabilidade política no rescaldo da tentativa de golpe de Estado de 1 de fevereiro de 2022, que resultou em várias perdas de vidas humanas e detenções.

Em março de 2022, o PAM em parceria com o MADR

e o INE realizou um novo inquérito para acompanhar a evolução da situação da segurança alimentar e nutricional no País. A coleta de dados coincidiu com o início da campanha de comercialização do caju de 2022. O inquérito foi realizado por meio de 2.028 entrevistas telefónicas com chefes de família. Faz parte do Sistema de Seguimento da Segurança Alimentar e Nutricional (SiSSAN), que realiza regularmente inquéritos nacionais sob auspícios do PAM, MADR e INE.

2. Contexto do País

A Guiné-Bissau é um País de baixo rendimento da África Ocidental, com uma população de 1,62 milhões (INE 2013). Quarenta e sete anos de instabilidade política prejudicaram profundamente o desenvolvimento socioeconómico e humano. O País, classificado em 177º entre 191 países no índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 2021, tem um rendimento nacional bruto (RNB) per capita de US\$ 780 e um produto interno bruto (PIB) de US\$ 1,63 bilhão (Banco Mundial, 2021).

A agricultura representa 47,5% do PIB e emprega 67,9% da força de trabalho (OIT 2020). A castanha de caju é a principal cultura, ocupando 50% das terras aráveis e representa 90% das exportações do País e 10% do seu PIB. Fornece rendimento direto ou indireto para 85% da população. As outras culturas incluem arroz (cultivado principalmente para consumo doméstico), milho, milheto e sorgo.

As famílias vulneráveis estão altamente expostas à inflação de preços causada pelas consequências da crise entre a Rússia e a Ucrânia, as flutuações do preço internacional da castanha de caju, bem como os riscos relacionados com as alterações climáticas e degradação das terra e as inundações.

O País é afetado pela insegurança alimentar e desnutrição. De acordo com o Quadro Harmonizado (CH) de novembro de 2021, 4,7% da população rural (62.347 pessoas) encontravam-se em situação de insegurança alimentar grave e classificada na fase 3 ou superior. Cerca de 18,2% da população (241.326 pessoas) foram classificadas na fase 2 devido ao seu consumo alimentar minimamente adequado e incapacidade de atender às necessidades básicas não alimentares essenciais sem adotar estratégias de sobrevivência negativas, e provavelmente cairão na fase 3 ou superior.

A taxa de atraso no crescimento entre crianças de 6 à 59 meses diminuíram desde 2012, de 32,2 para 27,7% em 2018, mas continuam altas, ultrapassando 30% nas regiões de Oio, Bafatá e Gabu. A malnutrição aguda afeta 5% das crianças na mesma faixa etária (MICS6, 2020).

Em outubro de 2021, apenas 4,2% das crianças de 6

à 23 meses recebiam uma dieta mínima aceitável e apenas 31,7% das mulheres e meninas de 15 à 49 anos tinham uma diversidade alimentar mínima (PAM, 2021).

3. Quantas pessoas se encontram em insegurança alimentar na Guiné-Bissau?

Em março de 2022, 20,8 por cento dos agregados familiares na Guiné-Bissau, ou mais de 342.390 pessoas, estavam em situação de insegurança alimentar. A maioria destes agregados familiares apresentam insegurança alimentar moderada, ou seja, são agregados familiares com baixo consumo alimentar ou incapazes de satisfazer as suas necessidades alimentares mínimas sem recorrer a estratégias de sobrevivência irreversíveis.

A Figura 1. mostra a proporção de famílias com insegurança alimentar que não se mudaram entre março de 2021 e 2022 (18%), apesar das consequências da crise na Ucrânia. No entanto, 7% dos agregados familiares que estavam visivelmente no limite da segurança alimentar tornaram-se em insegurança alimentar, principalmente devido ao aumento dos preços. A mudança de outras famílias da classe limite de segurança alimentar para a classe de insegurança alimentar moderada ou grave dependerá, por um lado, dos resultados da campanha de comercialização do caju, que não parece muito promissora com o preço mínimo por quilo oficialmente fixado em 375 FCFA pelo governo e, por outro lado, à resiliência das famílias face à inflação de preços. No entanto, a resiliência económica das famílias no País permanece geralmente fraca com a pobreza crónica e a virtual ausência de um sistema de segurança familiar.

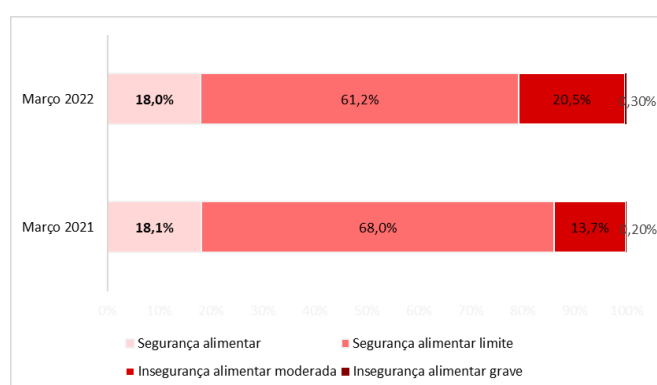


Figura 1. Situação de segurança alimentar das famílias em março de 2021 e 2022.

A situação é tanto mais preocupante quanto os meses de março, abril e maio são considerados os menos difíceis para as famílias vulneráveis que conseguem repor as suas reservas alimentares e fazer algumas poupanças através da comercialização da castanha de caju. Não há dúvida de que o aumento vertiginoso dos preços dos produtos alimentares básicos e não alimentares perturbaram as já frágeis economias familiares e,

assim, agravaram a insegurança alimentar das famílias.

As regiões de Gabú e Quinará são as mais afetadas, com pelo menos 1/3 da população em situação de insegurança alimentar, seguidas das regiões de Tombali, Bafatá e Oio onde 23 à 29 por cento dos agregados familiares estão em insegurança alimentar. Gabú, Oio e Quinará estão frequentemente entre as regiões mais afetadas, enquanto Cacheu, Biombo, Bolama-Bijagós e a capital Bissau registam o menor número de agregados familiares em situação de insegurança alimentar. Embora o inquérito mVAM não se detenha nas causas profundas da insegurança alimentar, observa-se, como de costume, que ela é maior nas regiões do interior do que nas costeiras. Com efeito, para além das atividades agrícolas, os agregados familiares das regiões costeiras têm a oportunidade de praticar a pesca ou de beneficiar mais facilmente dos produtos da pesca para melhorar o seu rendimento financeiro e/ou a sua alimentação.

4. Consumo alimentar

O consumo alimentar -Food Consumption Score (FCS) agrega dados sobre a diversidade e frequência de grupos de alimentos consumidos pelas famílias durante os sete dias anteriores ao inquérito. Entre março de 2021 e março de 2022, a proporção de famílias com consumo alimentar inadequado (score de consumo alimentar limite e pobre) aumentou quase 7%, passando de 5,9% (cerca de 97.120 pessoas) para 12,8% (cerca de 210.700 pessoas).

As regiões de Quinará e Oio registam as taxas mais elevadas (com cerca de 24%) de agregados familiares com consumo alimentar inadequado, seguidas pelas regiões de Bafatá e Gabú com 13,3 e 16,7%. Por outro lado, esta proporção é baixa na capital Bissau e na região de Bolama-Bijagós com respetivamente 2,9 e 5,9%.

Os cereais e tubérculos, legumes, peixes e óleos são os alimentos mais consumidos pelas famílias, em média 5 à 7 dias por semana.

Por outro lado, o consumo de produtos lácteos e leguminosas é extremamente limitado. Apenas 39% dos agregados familiares consumiram leite e produtos lácteos na semana anterior ao inquérito (uma vez por semana em média). Além disso, menos de 2/3 dos agregados familiares consumiram leguminosas no máximo duas vezes durante a semana anterior ao inquérito. O baixo consumo de leguminosas e laticínios afeta negativamente o equilíbrio da dieta das pessoas, uma vez que, as leguminosas fornecem uma alternativa de oferta de proteína vegetal, enquanto os laticínios são uma importante fonte de cálcio.

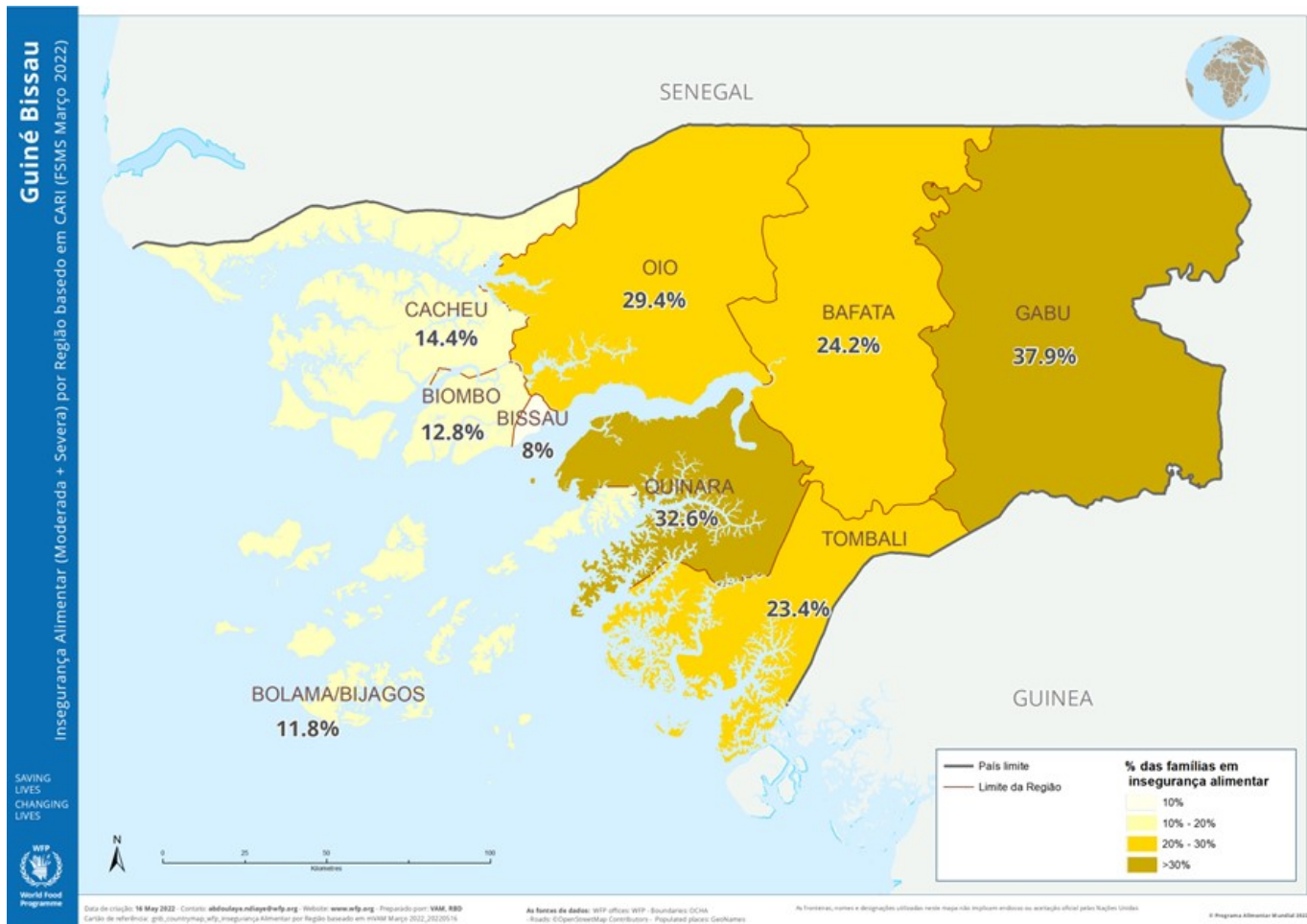


Figura 2. Percentagem de agregados em insegurança alimentar em março de 2022 por região

Embora o score de consumo alimentar aceitável seja alta (87,3%) em março de 2022, quase um terço das famílias no País com consumo alimentar aceitável são forçados a recorrer a estratégias de sobrevivência severas baseadas no consumo ou nos meios de subsistência, o que previa um futuro próximo difícil para essas famílias. Mesmo na capital Bissau, 22% dos agregados familiares com consumo alimentar aceitável recorrem a estratégias severas de sobrevivência. Apenas a região de Biombo e Bolama-Bijagós regista uma proporção inferior a 17%.

5. Estratégias de sobrevivência utilizadas pelos agregados familiares

Em março de 2022, a situação das famílias no País deteriorou-se seriamente após o início da guerra entre a Rússia e a Ucrânia. De fato, estamos testemunhando um aumento nos preços dos alimentos e insumos agrícolas, boa parte dos quais são produzidos pela Rússia e pela Ucrânia. A título de exemplo, entre março de 2021 e março de 2022, a proporção de famílias que usam estratégias de sobrevivência severa baseadas no consumo aumentou 4,5%, passando de 13,8 para 18,3%. As regiões com mais agregados familiares a utilizar estas estratégias são: Gabú (48,8%), Bafatá (21,6%), Quinará (18,4%) e Cacheu (17%). As estratégias mais utilizadas são: comer alimentos menos preferidos e

mais baratos (69%), diminuir a quantidade de alimentos preparados nas refeições (30,7%) e reduzir a quantidade de alimentos consumidos pelos adultos em favor das crianças (29,3%).

A deterioração das condições de vida dos agregados familiares em março de 2022 marca uma rotura com os meses anteriores em que se registou uma diminuição da vulnerabilidade das populações face às tendências favoráveis da generalidade dos indicadores de segurança alimentar. De fato, entre maio de 2020 e março de 2021, a proporção de famílias que usam estratégias de sobrevivência severas baseadas no consumo diminuiu 37,2%, passando de 51 para 13,8%. Os inquéritos realizados nesse período mostraram uma melhoria gradual da situação. Este declínio indica uma clara diminuição das famílias vulneráveis, a maioria das quais devido às consequências negativas das restrições do COVID-19 tomadas pelo governo para conter a propagação da pandemia no País.

A semelhança das estratégias de sobrevivência baseadas no consumo, o uso doméstico de estratégias de sobrevivência severas (crises e/ou emergências) com base nos meios de subsistência aumentou 7,2% entre março de 2021 e março de 2022, de 16,9 para 24,1%.

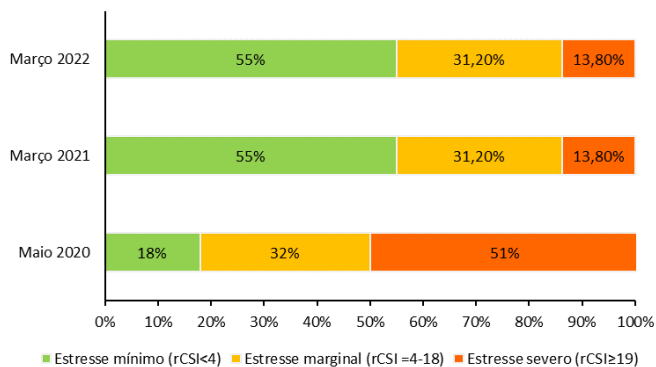


Figura 3. Estratégia de sobrevivência baseada no consumo

Os agregados familiares que adotaram estas estratégias situam-se principalmente nas regiões de Gabú (40,3%), Tombali (34,3%), Bafatá, Quinará, Oio e Cacheu (entre 26 e 24%). As estratégias mais utilizadas são: gastar a poupança por falta de comida ou falta de dinheiro para comprar comida (42,2%), pedir dinheiro emprestado ou comida (30,2%), vender mais animais não reprodutores do que o habitual (17,3%).

Finalmente, em março de 2022, 1/3 das famílias usou estratégias severas de sobrevivência baseadas no consumo ou estratégias de sobrevivência severas baseadas em meios de subsistência devido os problemas de acesso financeiro a produtos alimentares ou produtos não alimentares essenciais.

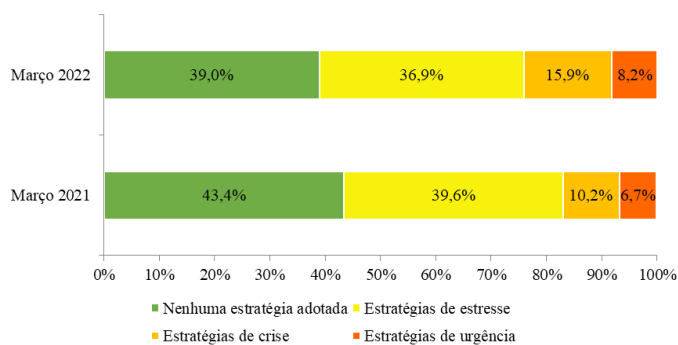


Figura 4. Estratégias de sobrevivência baseadas em meios de subsistência.

6. Acesso aos produtos alimentares

Entre os agregados familiares inquiridos, 78,5% relataram ter um stock de alimentos ou dinheiro disponível para comprar alimentos para as semanas seguintes. Especificamente, 72% das famílias relataram ter um estoque de alimentos, enquanto 6,5% das famílias possuem dinheiro para comprar alimentos para apenas duas semanas. Entre as famílias com estoque de alimentos, apenas 5,7 por cento têm estoques de cereais suficientes para cobrir três meses.

Este déficit de estoque de cereais é mais perceptível na região de Gabú onde apenas 2,6 por cento dos domicílios podem cobrir três meses, seguido por

Bolama-Bijagós (1,2 por cento) e a capital Bissau onde não há famílias com estoque de alimentos suficiente. Isto pode ser explicado pelo facto de Bissau não ser uma área tipicamente agrícola e os agregados familiares dependerem mais do abastecimento regular dos seus mercados. No entanto, os resultados mostram que as capacidades económicas dos agregados familiares da capital para comprar alimentos também são fracas, uma vez que não conseguem comprar o suficiente para cobrir mais de uma semana.

Os números acima mostram um esgotamento dos estoques de alimentos e uma deterioração em comparação com a situação em março de 2021, quando 86,5% dos entrevistados disseram ter um estoque de alimentos ou dinheiro para cobrir as necessidades alimentares. O aumento generalizado dos preços dos alimentos e não alimentares após o início da guerra entre a Rússia e a Ucrânia é uma das explicações mais plausíveis.

Finalmente, o acesso aos alimentos permanece sob a influência de dois fatores: 1) a tendência de comercialização do caju e 2) a volatilidade dos preços devido à guerra entre a Rússia e a Ucrânia, daí a importância do monitoramento regular dos indicadores.

7. Perfil das famílias com insegurança alimentar

O inquérito foi realizado em 2.028 chefes de família por meio da plataforma mVAM (*mobile Vulnerability Analysis Mapping*), sistema de coleta de dados do PAM através de entrevistas por telefone. Os resultados mostraram como as características das famílias, incluindo nível de educação, fontes de rendimento familiar, bem como o tamanho dos agregados familiares, impactam sua segurança alimentar.

Os agregados familiares chefiados por pessoas sem escolaridade ou com baixo nível de escolaridade são os mais afetados pela insegurança alimentar. Quanto menor o nível de escolaridade, maior a insegurança alimentar. É de 9,8% nos agregados chefiados por chefes de agregados com ensino superior em comparação com 23 à 24% nos agregados chefiados por pessoas sem escolaridade ou que interromperam a educação no ciclo elementar.

A insegurança alimentar também aumenta com o tamanho da família; é de 9,5% em famílias de 1 a 5 pessoas, comparado a 21% em famílias com mais de 20 pessoas. Além disso, As famílias com filhos menores de cinco anos são mais vulneráveis do que aquelas sem filhos dependentes, provavelmente porque as mães terão menos tempo para participar plenamente das atividades geradoras de rendimento, sem falar nas despesas específicas relacionadas aos filhos. Cerca de 23,1% dos agregados familiares com filhos dependentes têm insegurança alimentar, em comparação com 12,6% nos agregados familiares sem filhos. As famílias

com mulheres grávidas e lactantes também são mais vulneráveis do que outras. Assim, a insegurança alimentar é de 26,6% nos agregados com uma mulher grávida contra 19,1% nos restantes. A insegurança alimentar também é de 25% em famílias com uma mulher lactante em comparação com 17,4% para famílias sem mulher lactante. Por fim, a vulnerabilidade atinge famílias de diversas categorias socioprofissionais. Os mais afetados pela insegurança alimentar são os agregados familiares que vivem da assistência e os agregados sem fonte fixa de rendimento (entre 45 e 47%), os agregados familiares do sector agrícola e informal (cerca de 26% cada) e excepcionalmente, os agregados familiares que vivem de remessas de emigrantes (23,3%). Por outro lado, os menos afetados são as famílias dependentes de emprego formal assalariado (3,7%).

8. Campanha agrícola e comercialização da castanha de cajú

Embora o início oficial da campanha de comercialização da castanha de cajú tenha sido marcado pelo governo para 05 de abril de 2022 em todo o país. No entanto, já em março, a comercialização começou de forma tímida para a maioria dos produtores. O preço médio oficial proposto pelo governo é de 375 FCFA, um aumento de 15 FCFA em relação ao ano passado. O governo também planeia uma exportação maior do que no ano passado, estimada em mais de 230 mil toneladas.

Embora o mês de março seja o início da campanha de comercialização do cajú, quase metade (42,8%) dos agricultores inqueridos já contraíram uma dívida com os compradores de cajú que serão pagos pela produção de cajú. Essa proporção aumentou 15,8% em relação a 2021. Geralmente, os termos de troca são desfavoráveis aos produtores de cajú com consequências negativas na renda e além disso na sua capacidade de atender às necessidades básicas de suas famílias.

9. Monitoramento de estoques e preços de produtos alimentares e não alimentares

Desde agosto de 2020, o PAM, em parceria com o Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural (MADR) e o Instituto Nacional de Estatística (INE), alargou o seu sistema de monitorização mensal dos preços de mercado de 9 para 44 mercados, estabelecendo um sistema nacional que abrange os 39 setores da Guiné-Bissau (um mercado para cada setor e Seis mercados na capital Bissau). O sistema de seguimento que agora rastreia os preços de cerca de 50 produtos alimentares e não alimentares.

Apesar da eclosão da guerra entre a Rússia e a Ucrânia, os mercados ainda estão bem abastecidos

com alimentos e produtos não alimentícios durante o período do inquérito, bem como nos meses anteriores. No entanto, fortes ameaças pesam sobre a oferta de alguns produtos, como farinha de trigo e fertilizantes agrícolas. O aumento do preço dos hidrocarbonetos devido à guerra poderá ter repercussões nos custos internacionais do transporte marítimo, podendo causar atrasos e quebras nas cadeias de abastecimento e na reconstrução de stocks, sobretudo alimentares.

Entre janeiro e março de 2022, o preço da farinha de trigo já subiu 20%, passando de 500 para 600 FCFA/kg em três meses. Os preços do arroz, feijão e açúcar também aumentaram 9, 25 e 40 por cento, respetivamente. A comparação entre o mês de março de 2021 e 2022 mostra um aumento nos preços de 46% dos produtos alimentares e não alimentares, uma queda de 18% e denota-se estabilidade dos preços em 36% dos produtos. Na tabela abaixo, observamos as reduções dos preços apenas em produtos de origem local. Os aumentos dizem respeito aos produtos locais, mas especialmente aos produtos importados, com um aumento de 16% para o arroz importado não perfumado (variedade mais consumida no país), 65,5% para óleo de cozinha, 54,6% para feijão, 27% para óleo diesel e 54% para combustível premium. Esses aumentos, sem dúvida, aumentarão ainda mais se a guerra entre a Rússia e a Ucrânia continuar.

10. Metodologia

O método Mobile Vulnerability Analysis and Mapping (mVAM) foi usado para este inquérito. Esta é a metodologia de análise e mapeamento das vulnerabilidades do PAM que, usa tecnologia móvel para rastrear remotamente a segurança alimentar e nutricional das famílias, bem como as tendências relacionadas com o mercado. O sistema mVAM foi lançado em 2013 e foi implementado em contextos humanitários muito diferentes em mais de 30 países nos últimos cinco anos.

A coleta de dados ocorreu de 15 à 21 de Março de 2022 e 2.028 famílias foram contactados e 2.024 finalmente concordaram em participar no inquérito, uma taxa de respostas não muito baixa de 0,2%. Um mínimo de 180 famílias, foram selecionados por região conforme recomendado no manual mVAM (WFP, 2020). Os dados foram recebidos em tempo real no servidor do PAM e cinco supervisores foram selecionados para garantir o controle da qualidade dos dados, verificando os questionários, fazendo contrainquéritos as famílias e entrando em contato com os inquiridores para possíveis correções. Os dados coletados foram ponderados no momento da análise para levar em consideração os pesos demográficos de cada região.

Grupo Alimentar	Produtos	Unidade	março de 2021	março de 2022	Variação (%)	
Cereais	Arroz (local)	kg	500	498	-0,4	▶
	Arroz (importado)	kg	383	445	16,2	▲
	Milho cavalo	kg	700	580	-17,1	▼
	Milho	kg	667	572	-14,2	▼
	Farinha de trigo	kg	438	546	24,7	▲
Tubérculos	Inhame	kg	500	534	6,8	▶
	Mandioca	kg	600	564	-6,0	▶
Leguminosas	Amendoim	kg	567	798	40,7	▲
	Castanha de caju	kg	3667	3477	-5,2	▶
	Feijão	kg	700	1082	54,6	▲
Legumes	Quiabo (candja)	kg	700	715	2,1	▶
	Cebola	kg	500	685	37,0	▲
	Cenoura	kg	1217	1569	28,9	▲
	Tomate	kg	600	865	44,2	▲
Frutas	Banana local	kg	717	637	-11,2	▼
	Limão	kg	533	760	42,6	▲
Carne e Peixe	Carne bovina 1ª sem osso	kg	4000	3950	-1,3	▶
	Carne bovina com osso	kg	3500	3325	-5,0	▶
	Galinha de terra vivo	Unid.	4000	4295	7,4	▶
	Peixe fresco (Bica, Barbo, Linguado)	kg	3167	2397	-24,3	▼
	Peixe fresco (Tainha, Bagri, Bentana)	kg	2167	1408	-35,0	▼
	Peixe fresco (Sardinela, Djafal, Bentaninha)	kg	833	1436	72,4	▲
	Peixe seco	kg	3333	3087	-7,4	▶
Óleo	Oleo de Palma	Litro	1100	1366	24,2	▲
	óleo vegetal importado	Litro	1000	1655	65,5	▲
Açúcar	Açúcar	kg	667	673	0,9	▶
Produtos não alimentares	Gasóleo	Litro	672	856	27,4	▲
	Gasolina	Litro	720	1110	54,2	▲
▼ Redução de mais de 10%						
▲ Aumento de mais de 10%						
▶ Variação menor ou igual a 10%						

BIBLIOGRAFIA

- Alta comissariado para covid-19, 2021. Boletim Informativo Semanal | de 22 a 28 de Março De 2021 | Nr.30.
- Coping Strategies Index: Field Methods Manual. Copyright © 2008 Cooperative for Assistance and Relief Everywhere, Inc. (CARE).
- Ministério da Economia e Finanças, Direcção Geral do Plano/Instituto Nacional de Estatística (INE), 2016. Projections Demographiques en Guinee-Bissau (2009 – 2030).
- Inquérito aos Indicadores Múltiplos (MICS6), 2020. Relatório Final 2018-2019.
- International Monetary Fund; The Department of African Affairs, 2017. Guinea-Bissau: Selected Issues Paper; International Monetary Fund: Washington, DC, USA.
- United Nations World Food Programme (WFP), 2020. Establishing remote monitoring and assessment capacities for covid-19 response. A practical guide.
- United Nations World Food Programme (WFP), Mai 2020. Enquête mVAM de suivi de la sécurité alimentaire et de la nutrition en Guinée-Bissau.
- United Nations World Food Programme (WFP), Juillet 2020. Enquête mVAM de suivi de la sécurité alimentaire et de la nutrition en Guinée-Bissau.
- United Nations World Food Programme (WFP), Octobre 2020. Enquête mVAM de suivi de la sécurité alimentaire et de la nutrition en Guinée-Bissau.
- United Nations World Food Programme (WFP), mars 2021. Enquête mVAM de suivi de la sécurité alimentaire et de la nutrition en Guinée-Bissau.
- United Nations World Food Programme (WFP), 2020. Enquête de suivi de la sécurité alimentaire et de la nutrition en Guinée-Bissau.
- World Employment and Social Outlook: Trends 2020 International Labour Office – Geneva: ILO, 2020

PARA MAIS INFORMAÇÃO:

- Momadou Sow, VAM and M&E Officer (WFP - Guinea-Bissau) - momadou.sow@wfp.org
- Alessia Vittorangeli, Partnerships & Reporting Officer (WFP Guinea-Bissau) - alessia.vittorangeli@wfp.org